

“AO CASTELO O CAVALEIRO”

A (DES)MESURA DO SENA MEDIEVAL

Lilian Jacoto*

A literatura portuguesa medieva deu sinal da profunda crise do erotismo num contexto de barbárie, guerra santa e domesticação eclesiástica: desde a matéria arturiana cristianizada, sisuda e casta, ao platonismo dramático da cantiga de amor, tudo faz parecer que era mui difícil ter um corpo e amar naqueles tempos. Da estamenha com que Galaaz admoestava aquele “corpo bem talhado e conteneute manso” à castração a que se sujeitava o precador nas medidas da corte, o desejo humano certamente não vivia o seu melhor momento. Eros descaía do status de *daimon* (filho que era da deusa Afrodite) à condição de demônio espúrio, besta desassemelhada.

Em “Ao castelo o cavaleiro”, Jorge de Sena revisita essa matéria através de um imbróglio singular e de incontornável ressonância política (o poema integra a novela *O Físico Prodigioso*, de ambiência medieval, de 1964). Em uma só estrofe, concentra-se toda a patetice de uma andança malfadada – não se sabe se por inspiração de Eros ou Ares, ambos contrariados – como má-aventurança de um cavaleiro incauto e ansioso por cumprir uma missão que lhe é absolutamente ignorada.

A estrofe condensa uma sequência cênica que faz lembrar, só que ao contrário, a provação de Galaaz no castelo de Brutus – uma das primeiras aventuras do cavaleiro que, à imagem de Cristo, é tentado no deserto (faltava água no castelo) pelo demônio (a filha de Brutus que se apaixonou mortalmente pelo herói na noite em que ali pernoitara). O episódio quer dar a *demonstrança* da castidade que resiste à luxúria e não se deixa iludir por falsos dilemas: no episódio, a jovem jura matar-se com a espada do herói, caso ele não lhe conceda os favores sexuais, o que o colocaria no impasse entre pecar contra a castidade e ser conivente com a morte de uma donzela,

a quem, por princípio, jurara proteger. Amparado pela verdade do seu coração, Galaaz resiste ao demoníaco apelo, sob pena de passar-se por vil assassino. Galaaz provará sua inocência lutando bravamente contra a sanha do rei Brutus, que acaba por reconhecer nele a superioridade guerreira que só os puros logravam alcançar.

Já no mundo às avessas de Sena, o cavaleiro sem nome – mas de alta casta, pois que vestido de ouro – cavalga cegamente no encalço de *dar cima* a uma aventura que ele próprio desconhece (o que significava desconhecer-se a si mesmo, às suas próprias fragilidades). Em princípio, a marcha constante e obstinada faz lembrar a retidão de Galaaz, cuja marca é não se demorar nas coisas mundanas: sempre com pressa, tudo vence porque não dá azo às tentações (sobretudo àquela a que é fadado pela própria beleza física, a sua menor virtude).

A caricatura da andança concentrada (para o caso melhor diria *alienada*) é expressa, no poema, por sua estrutura formal e rítmica. São 76 versos agrupados num só bloco, todo construído isometricamente. Na fluência das redondilhas, segue o cavaleiro em andança retilínea e sem parada, e a narrativa que os versos encadeiam é marcada pela precipitação: a cena começa descrevendo-o *a caminho* não se sabe de quê, e já no 23º verso sua lança escancara as portas do desconhecido castelo. No meio do poema, ele já vencera todas as resistências que resguardavam a donzela na torre, já subira as escadas e, quando esperamos que vá libertar a prisioneira, ele nos surpreende (e a si mesmo, no gesto irrefletido), cravando nela a lança, mortalmente. O cavaleiro *gauche* de Sena é assim conduzido pateticamente pela lança, jamais pela razão que controla os instintos (como quer o emblema do homem que monta o cavalo). Noutras palavras, diametralmente oposto ao corpo domado de Galaaz, este é guiado pelo falo em riste – nada no mundo o deterá, nem mesmo os apelos da pobre donzela que via naquela lança a sua libertação pelo e para o amor.

Reforçando o caráter fálico da gesta, a ninguém passará despercebida a reiteração da palavra *lança* no poema, estando ela ereta até que se faça em pedaços ao final, pelo cavaleiro incontrito. A lança é o sujeito da ação, personificando (ou substituindo) o próprio cavaleiro que, sob sua regência, esteve sempre fora de si. Ela é, afinal, o seu maior sacrifício (não a princesa), como evidencia o desfecho infeliz: “E os pedaços da lança/ **que mais que tudo ele queria**/ enterrou com a princesa/ na cova que já lhe abria”.

Naturalmente o cavaleiro da lança jamais veria o Graal: encerra a andança no mosteiro, onde deverá purgar-se em vida dos pecados que o outro cometera. E como se não bastasse tanta marcescência, as rosas nascidas do túmulo da princesa (e da lança) não podiam senão fazer mirrar as mãos que as quisessem colher.

* Professora de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, com pesquisa voltada para as relações entre Literatura e Ética na contemporaneidade. Desde o pós-doutorado na Universidade de Lisboa (2016), tem se dedicado a estudos interdisciplinares sobre a obra de Gonçalo M. Tavares.